

UMA ETNOGRAFIA QUE DESPERTOU PARA A RELAÇÃO ENTRE MERCADO E INSERÇÃO SOCIAL¹

AN ETHNOGRAPHY THAT RAISED AWARENESS TO THE RELATIONSHIP BETWEEN MARKET AND SOCIAL PLACEMENT

Marie-France Garcia-Parpet*

Boa tarde a todos. Quero muito agradecer ao Marcelo Carneiro, com quem venho dialogando há muitos anos já. Esse convite me é muito caro para conversar com vocês e com muitas pessoas que eu não conheço, mas também com Igor Grill e com Eliana Tavares dos Reis, com quem eu já tive contato e fico muito feliz de reencontrar. Quero também dizer que lamento muito que essa troca ocorra via esses meios modernos, que, apesar de tudo, têm a vantagem da gente poder se falar, mas que perde muita coisa.

Como Afrânio, eu tive a grande sorte de participar da pesquisa do *Projeto Emprego*, com Moacir Palmeira e Lygia Sigaud, sobre a transformação da *plantation*. Eu queria dizer que foi uma experiência das mais ricas na minha vida de pesquisadora. Afrânio evocou

as transformações das relações de trabalho na *plantation* e eu vou evocar aqui a questão do mercado e das relações mercantis, existindo dentro e em volta da *plantation*, um elemento importante na reprodução do campesinato e, em especial, as feiras.

Portanto, eu tive a oportunidade de estudar as feiras em Pernambuco e na Paraíba. É importante dizer qual era o lugar desse tipo de estudo na literatura da época: o estudo das feiras não era nem um pouco valorizado. Na hierarquia dos objetos sobre a comercialização dos produtos agrícolas figuravam, por exemplo, os economistas Celso Furtado e Delfim Netto, que estudaram o café, o açúcar, mas como produtos de exportação. E isso tinha uma cota evidentemente muito alta. Mas refletir sobre a comercialização,

* École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Paris, França. E-mail: garciaparp@protonmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5700-5783>.

1 Conferência realizada em mesa redonda ocorrida na III. Jornada Internacional de Ciências Sociais - JICS (Centro de Ciências Humanas – UFMA, 23 de maio de 2024).

as cooperativas, a valorização dos produtos do campesinato e o abastecimento das classes populares não era algo que ocupasse um lugar importante dentro dos círculos de pesquisa naquela época.

Depois desses estudos sobre produtos de exportação, se passou também a estudar a reforma agrária, que interessou aos políticos, aos pesquisadores, e também se pensou muito nas cooperativas e instituições do Estado, em especial para o abastecimento de base. As cooperativas eram percebidas como uma forma de luta contra as desigualdades sociais, mesmo se, na prática, esse tipo de instituição nem sempre fosse gerido de uma maneira muito democrática e se prestasse a melhorar as condições de vida dos trabalhadores.

A força da ideia preconcebida sobre o papel da integração no mercado foi suficiente para justificar a ausência da análise aprofundada das práticas mercantis. Portanto, o circuito de comercialização, como eu disse, que usufruía do crédito simbólico, tinha sempre que passar pelo Estado, controlado pelo Estado e cooperativas. Somente essas instituições eram consideradas como coletivas, logo portadoras do interesse geral, enquanto o mercado tinha o estatuto de individualista, no qual a felicidade de alguns só podia se fazer em detrimento dos outros. Mas, quando Moacir Palmeira foi a campo, ele, que tem uma prática extremamente frutífera de sempre dialogar com os dados, da relação entre os dados e a teoria, não deixou de estudar as feiras que tinham se desenvolvido no Nordeste, nessa época, sobretudo a partir dos anos 50.

Elas favoreceram, disse ele, o desenvolvimento de relações horizontais entre os moradores da *plantation* e o campesinato dos arredores da *plantation*. As feiras locais permitiram estremecer o monopólio dos senhores de engenho, como mediadores indispensáveis das trocas entre famílias situadas dentro dos engenhos. Também permitiam ao campesinato defender a sua autonomia no cálculo econômico referente à sua produção. Moacir escreveu sobre a feira e colocou na lista dos temas que ele apresentou aos pesquisadores², alunos que nós éramos – eu, Afrânio e outras pessoas –, o caso de uma feira que existia dentro de uma usina, praticamente em frente à Casa Grande, uma presença muito estranha dentro dessa instituição onde as relações horizontais não eram bem aceitas.

Como poderia ser compatível a presença de feira dentro da *plantation*, com a dominação que ali existia sobre a vida dos *moradores*, tal como Afrânio acabou de nos desenharmos? O *barracão*, como ele bem mostrou, era um meio de controlar os gastos dos *moradores* e suas transações e cuidava bem disso. A *plantation* era conhecida como um tipo instituição total. Então, como pode ser explicado? A literatura daquela época, em especial Shepard Forman³, explicava essa ocorrência como uma quebra de relações personalizadas dentro da *plantation* e, portanto, como se fosse o avanço do capitalismo.

Eu escolhi esse tema muito menos pelo interesse da problemática do que pelo fato de ser uma gringa recém-chegada no Brasil, balbuciando o português, e receosa, sobretudo, de não saber navegar nesse ambiente

2 Ver PALMEIRA, M. Emprego e mudança econômica no Nordeste (projeto de pesquisa). In: PALMEIRA, M. et al. (Org.). Uma etnografia retrospectiva: escritos de Moacir Palmeira. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2024, p.66-105.

3 Marie-France faz referência ao livro de Shepard Forman: *Camponeses: sua participação no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975

caracterizado por uma forte dominação personalizada, da qual Lygia e Moacir tinham feito vários relatos que me apavoravam, e, além do mais, num período de ditadura. Eu pensei que seria um lugar neutro onde eu poderia me familiarizar com os diferentes agentes sociais e que, depois, poderia escolher o objeto de pesquisa mais interessante.

Mas a pesquisa nessa feira revelou que, longe de ser um lugar onde se podia circular livremente, os pesquisadores, Afrânio e eu, éramos objeto não somente de curiosidade, mas, também, de suspeição por parte da autoridade que gerenciava a organização da feira. Deu para ver que os *moradores* não se sentiam à vontade para falar, que cada agente social ali não se sentia livre do seu gesto e de suas palavras. Todos diziam: “isso não é feira. A feira, mesmo, é na cidade”. Essa feira tinha sido criada, na verdade, na época em que se criou a usina, quando a forte concentração da terra que ela acarretou tornou mais difícil para o senhor a gestão da dominação personalizada, afastando os *moradores* do dono da usina nas interações quotidianas.

Essa escolha se revelou frutífera, para não dizer fantástica, para despertar minha atenção sobre o fato de que as transações mercantis são sempre inseridas no contexto social e me permitiu levar a sério a crítica ao economicismo. Isso na *plantation*, no Brasil, mas em qualquer lugar do mundo. E foi um elemento-chave para a escolha posterior dos meus objetos de pesquisa.

Mas, voltando ao desenvolvimento das feiras livres na *plantation* do Nordeste, a feira é a prova mais evidente das transformações das relações de dependência que se inscrevia na herança da escravidão. Como menciona Moacir, os descendentes de escravos faziam ali o aprendizado do mundo do comércio, que tem, para eles, o sentido

da liberdade. Como falou Afrânio, até os anos 50, as relações de dependência personalizada eram características da *plantation* e faziam com que, dentro dos engenhos, fossem mantidas à margem das atividades urbanas e das feiras semanais. Os trabalhadores residentes eram, na maioria das vezes, endividados ali e obrigados a adquirir os produtos no *barracão*.

Com o desmoronamento da *plantation* tradicional, devido em grande parte ao declínio econômico da economia açucareira, com a possibilidade de migração para grandes centros urbanos, como o desenvolvimento dos movimentos camponeses e a criação de um novo quadro institucional, assistiu-se à expulsão dos trabalhadores residentes, como foi mencionado por Afrânio agora há pouco. A cidade conheceu, então, um crescimento extraordinário da população e as relações mercantis nesses lugares das feiras tiveram também um enorme crescimento. O que era, outrora, objeto de autoconsumo, já que os trabalhadores moravam nas *plantations* e tinham um roçado, tornou-se objeto de trocas mercantis. E o campesinato utilizou, isso é muito importante, em grande proporção, as atividades mercantis para contrabalançar os efeitos da escassez da terra ou para acumular e comprar terra.

Uma institucionalização muito particular nessa região permitiu aos camponeses e trabalhadores articularem as atividades de trabalho da terra e as atividades mercantis segundo os dias da semana. Existiam feiras todos os dias da semana, feiras periódicas que eles podiam frequentar para escoar sua produção e/ou tornar-se pequenos intermediadores e se abastecer. Outra coisa importante é que o fato de ser pequeno intermediário na feira não é, para eles, contraditória à afirmação da sua identidade

camponesa. Agora, para que isso existisse, insisto, era preciso não somente que as feiras fossem periódicas, mas que ocorressem todos os dias da semana para permitir várias combinações possíveis. A escolha dos dias revelava uma luta que era o resultado de uma construção social que tinha a ver com interesses sociais muito diversificados. Por exemplo, na zona da cana, as feiras tinham que ser no domingo, porque, durante a semana, o senhor de engenho não queria ouvir falar dessa atividade mercantil. A igreja, por sua vez, não queria que fosse no domingo, porque faria concorrência com a missa. E as feiras que tinham atividade de venda no atacado deveriam ser em dias diferentes para que os pequenos produtores se abastecessem e fizessem essa combinação.

E o que é interessante é que é uma construção social que data de muito tempo, começando por feiras de produtos no agro, do açúcar, quando ele não era exportado, de outros produtos que vinham da área do agreste. Mas que depois se complexificou com outras feiras que não tinham esse papel de comércio maior e que acabaram fazendo essa rede muito rica e que deu várias possibilidades para os pequenos produtores de ir aqui ou ali e de poder compor as suas atividades. É importante também porque era uma atividade que permitia continuar com a agricultura sem perder autonomia.

Uma coisa chamava muita atenção: quando se tinha falta de terra, precisava-se completar a renda com outras atividades para poder sustentar a família. Mas, ir para o *alugado*, ou seja, vender sua força de trabalho em outro lugar, era uma coisa muito desprezada, enquanto a ida pra feira era sempre uma coisa extremamente positiva, porque era uma reunião entre trabalhadores, entre camponeses, portanto, onde essas pessoas se sentiam à vontade, podiam

encontrar seus parceiros, recolher informações, fazer trocas até matrimoniais... Enfim, tudo era possível nesse espaço.

Outra coisa interessante do ponto de vista das possibilidades, vamos dizer, de vender na feira, é que qualquer um podia encontrar um lugar para vender seus produtos. Podia vender os produtos que ele tinha em casa vindo do seu roçado, de um pequeno artesanato, à exceção da farinha e do feijão, que eram setores mais enquadrados pela lei, em especial para o uso de balança certificada pelo Estado para evitar problemas de medidas em relação aos compradores. Outra vantagem também é que, para os camponeses, a venda da sua produção na feira era muito mais rentável do que vender ao comerciante que vinha comprar na sua propriedade. Para vender na propriedade, o camponês precisava ter uma quantidade bastante grande para que o intermediário se deslocasse, o que raramente ocorria. E o camponês tinha a possibilidade, quando vendia na feira, de ter vários compradores e, portanto, de escolher aquele que fosse mais rentável para ele.

Portanto, essa atividade complementava a renda; e complementava a renda em que tipo de momento? Complementava a renda na entressafra mas, sobretudo, na hora que iam plantar, que as reservas da produção anterior já se foram e que, muitas vezes, era preciso contratar trabalhador alugado para poder plantar. Portanto, ter dinheiro para pagar... A atividade mercantil conseguia, nesse jogo apertado com as regras, poder levar de uma maneira consistente e frutífera a sua atividade agrícola.

A inserção dos pequenos produtores na feira era duplamente facilitada, porque o capital inicial podia ser a sua própria produção e, portanto, ele podia ter o estoque e vender periodicamente. Outra coisa impor-

tante: ele se familiarizava com a praça de mercado. Ele observava, entendia como é que aquilo funcionava e adquiriria o conhecimento de seu funcionamento.

Outra coisa muito interessante para esse pequeno campesinato: a feira permitia uma trajetória ascendente nas diversas atividades mercantis para oferecer uma possibilidade de completar salário. Os diversos setores não exigiam a mesma quantidade de capital: frutas e verduras necessitavam muito menos do que farinha, feijão, carne, etc. Quando era possível adquirir um pouco mais de dinheiro, podia-se entrar em setores mais capitalizados, como o setor da farinha, o setor do feijão, o setor da carne... E, portanto, participar das atividades mercantis na feira facilitava a vida de pequeno produtor.

Quando você não tem capital econômico, se você tem capital social, diria Bourdieu, se você tem alguém que está vendendo numa feira de verdura ou na feira de fruta, essa pessoa pode te adiantar uma pequena quantidade desses produtos, você pode vendê-los e ganhar uma comissão. Tudo isso prova como esse caminho se faz, inclusive, durante a trajetória. Em geral, os setores de produtos manufaturados estavam mais nas mãos das pessoas que migraram e que tinham mais facilidade com produto industrializado, mas continuavam com esses setores tendo ou não uma atividade complementar.

A frequência da feira do ponto de vista sexual era bem desigual e o número de homens era muito maior do que de mulheres. Elas atuavam mais no que eles chamavam de banca de café, onde serviam lanches ou ajudavam os maridos nos setores. As crianças, quando eram socializadas na feira muito cedo, quando vendiam picolé, percorrendo diversos setores, por exemplo,

tinham a chance de observar todos as atividades e tudo que acontecia nas feiras, e tinham muito mais chance de se tornar um pequeno intermediário.

Voltando a essa categoria de intermediário, tão criticada e banida pela literatura existente, como se o intermediário fosse sempre alguém que atuasse visando um lucro enorme em cima dos consumidores e, portanto, que deveria ser condenado. Todas as políticas eram sempre em favor das populações de classe popular, sempre pensadas em termos de cooperativa, em termos de organização do Estado, porque as transações mercantis teriam esse caráter, inexoravelmente, de alguma coisa extremamente negativa para as pessoas que estão sendo abastecidas.

Quando a gente perguntava sobre a atividade mercantil regular dessas pessoas e como é que elas a percebiam, elas diziam: “Com a feira, a gente se vira”. “Com a feira, a gente se vira” não quer dizer que estavam ganhando um monte de dinheiro, simplesmente estavam diminuindo a falta de renda a qual elas estavam condenadas pela sua própria posição social, pela falta de terra ou pelos salários. Porque entre essas pessoas, evidentemente, tinham alguns trabalhadores de rua. Tinham poucos que conseguiam vender na feira, mas quem conseguia melhor eram os pequenos camponeses e, mais ainda, os que eram proprietários.

Como eles se pensavam em relação ao comércio estabelecido? Eles se pensavam como “*mangaieiro*”. Não sei se esse termo existe em São Luís, mas em outros locais do Nordeste trata-se de um pequeno artesanato, mas de um artesanato que é feito com coisas, eu diria com “sucata”; uma sucata aproveitada, que os que não tem dinheiro, quem tem tempo livre porque não tem terra, acabam utilizando para fazer alguns

objetos para levar para a feira e conseguem, assim como os outros, se virar.

Portanto vê-se que esse comércio que existia, esse *negócio*, negociar na feira, não era entrar num negócio de muito lucro, era muito mais diminuir a pobreza. Vê-se, também, que a feira, em vez de ser, nesse caso, um elemento de extensão do capitalismo, permitia limitar o seu desenvolvimento, tendendo a manter as relações personalizadas e a dominação do dono da usina.

É isso que nós vimos há 50 anos, não sei se mudou muito. Como Afrânio, eu tenho muita vontade de ver como isso evoluiu. Já voltamos uma vez a convite de Patrícia Ramiro, professora da UFPB, e deu uma ideia um pouco do que está acontecendo. Por exemplo, a aparição de feiras ecológicas, de outras coisas, enfim.

Mas, em todo caso, eu acho que tem que ser retomado, certamente. Porque as posições sociais... Quem sabe o uso dos telefones celulares é uma coisa que pode redistribuir, por exemplo, a venda dos pequenos produtores de uma maneira diferente em relação, pelo menos, à população urbana, etc. Enfim, acho que tem muita coisa para rever.

Muito obrigada pela atenção.